

Acusação diz que assassinato de Chico Mendes teve mais autores

EMANUEL NERI
Da Reportagem Local

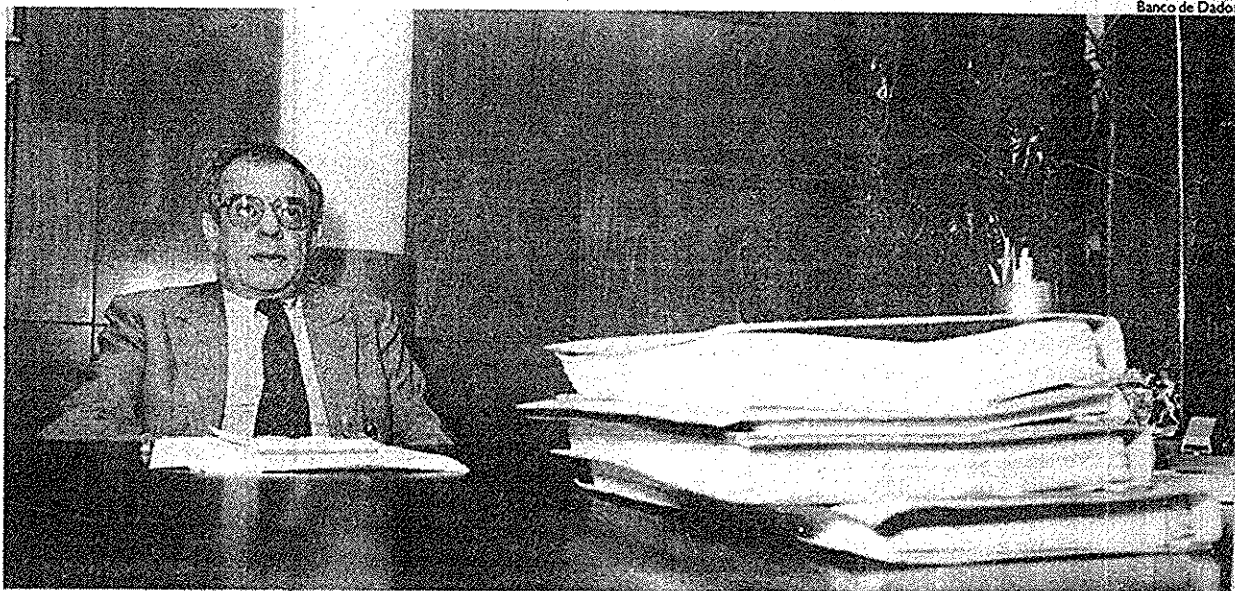
Márcio Thomaz Bastos, 54, principal advogado de acusação no julgamento dos responsáveis pelo assassinato do líder sindical e ecologista Chico Mendes, disse ontem que a provável condenação dos acusados não esgota o desvendamento do crime. "É preciso continuar na busca dos co-autores". No julgamento dos dois acusados — o fazendeiro Darli Alves da Silva e seu filho, Darli — Bastos vai pedir que o inquérito suplementar sobre o caso, já instaurado, tenha andamento.

Bastos afirmou que uma boa pista para a descoberta de outras pessoas envolvidas no crime é uma carta feita por Chico Mendes menos de dois meses antes de sua morte. Na carta, enviada ao juiz de Xapuri (188 km a sudoeste de Rio Branco, no Acre), onde o sindicalista morava quando foi assassinado, em dezembro de 1988, ele se referia a 12 pessoas que estariam tramando o assassinato. "É preciso fazer uma investigação profunda sobre esses nomes", disse o advogado.

A carta de Chico Mendes era considerada confidencial e foi divulgada pela presidenta do Tribunal de Justiça do Acre, Eva Angelista de Souza, após o crime. Ele diz que a morte de Osmarino Amâncio Rodrigues, considerado seu sucessor, também estava sendo tramada. Os primeiros nomes citados são o de Darli e de seu irmão, Alvarino. Darli e Darci estão presos e serão julgados a partir do dia 12, em Xapuri. Alvarino está foragido.

Chico Mendes cita o nome do fazendeiro Crispin Alves, envolvido na morte de outro sindicalista, e o de dois irmãos — Luiz Brandão Assem e José Assem. Luiz elegeu-se deputado estadual pelo PRN na última eleição. Um fazendeiro conhecido por "Coronel Chicão" é outro integrante da lista. A denúncia de Chico Mendes envolvia ainda o nome do então juiz de Brasília (142 km a sudoeste de Rio Branco), Heitor Macedo, e do então comandante do destacamento da Polícia Militar em Brasília, capitão Tirson.

A lista de Chico Mendes inclui quatro outros nomes: Antônio Pequeno, fazendeiro; José Benvenuto, comerciante; Benedito Rosas, fazendeiro; e um pequeno comerciante de Brasília conhecido por "Querido". O promotor de Xapuri, Francisco Matias de Souza, pediu ao delegado da cidade para ouvir aquelas pessoas. Osmarino disse ontem que nenhum deles prestou depoimento.



Márcio Thomaz Bastos, principal advogado de acusação no julgamento da morte de Chico Mendes

Advogado de réu nega ter sido torturador

Do correspondente em Porto Velho

João Lucena Leal, 51, que coordena a defesa dos acusados da morte de Chico Mendes, já foi advogado de membros do Cartel de Medellín, presos em 85 pela Polícia Federal. Em entrevista à Folha, Lucena negou que tenha sido torturador — ele é citado no livro "Brasil Nunca Mais" — e criticou a publicidade dada ao julgamento de Darli e Darci. Para ele, o crime do senador Olavo Pires, que ele também investiga, é mais importante que o de Chico Mendes.

Folha — Quem convidou o sr. para defender os acusados do assassinato de Chico Mendes?

João Lucena Leal — Eu estava no meu escritório, quando me avisaram que Alvarino Alves da Silva (irmão de Darli Alves) estava querendo falar comigo. Ele me fez o convite.

Folha — O sr. não acha que foi convidado por suas habilidades em defender até membros do Cartel de Medellín?

Lucena — O caso Chico Mendes não é um julgamento qualquer. Meus clientes são acusados de homicídio. Eles seriam submetidos a julgamento sem pressão internacional. Mas agora até acho que eles já estejam condenados pelas pressões. Já tem mais de 200 repórteres estrangeiros no Acre e 16 membros do corpo de jurados são do PT.

Folha — A imprensa também deu boa cobertura ao assassinato do senador Olavo Pires.

Lucena — Isso é outra história. Só estiveram aqui a Folha, a Globo, Manchete e SBT. Cadê a imprensa internacional para cobrir um crime mais importante, o de um senador da República?

'Brasil Nunca Mais' cita Lucena

Da Redação e do correspondente em Porto Velho

O advogado João Lucena Leal é citado sete vezes no livro "Brasil Nunca Mais (PBNM)", que divulgou casos de tortura praticados durante o regime militar. Ele é relacionado com dois processos — n° 194, de 1970, e n° 696, de 1973 — quando era agente da Polícia Federal no Ceará. Ele foi acusado pelo professor cearense Fabiane Cunha, preso em 1970, e por José Geronimo Oliveira, entre outros.

No n° 194, segundo o livro, "os réus são especificamente acusados de terem assaltado, na condição de integrantes da ALN, uma residência particu-

lar, na noite de 3 para 4 de julho de 1970 (...). Isso ocorreu no Rio de Janeiro". Duas pessoas, n° 527 e n° 976 no livro, acusam Lucena.

No processo 696, "os réus são acusados de pertencerem ao PC do B no Ceará, agindo de 1968 até início de 1973 e compondo um comitê regional, um comitê universitário, a base bancária, a base da Faculdade de Filosofia, a base da Escola de Engenharia e a da Escola de Arquitetura". Cinco pessoas (629, 914, 1494, 1035, 982, 1595) citam Lucena.

Devido às denúncias, encaminhadas ao conselho federal da OAB e à seção de Rondônia, há um processo de cassação da inscrição de Lucena.

Folha — O sr. foi indicado pela UDR?

Lucena — Apesar de ser fazendeiro essa sigla não me cheira bem e nem quem me contratou é membro da UDR.

Folha — Mas o sr. já trabalhou para a UDR?

Lucena — Só trabalhei para pessoas que pertenciam ao Cartel de Medellín. Isso não tenho que esconder.

Folha — E sobre as acusações que constam do livro "Brasil Nunca Mais" denunciando-o como torturador?

Lucena — Só participei das investigações e prisões, mas nunca de interrogatórios. Eu só prendi pessoas.

Folha — Estudantes...

Lucena — Terroristas disfar-

çados de estudantes que assaltavam bancos, roubavam jóias e atiravam na polícia.

Folha — O sr. chegou a baleiar e matar alguém?

Lucena — Atirar eu atirei. Matar, não sei. Se matei alguém (rindo), foi alguma bala que acertou algum dos terroristas fracos.

Folha — O professor Fabiane Cunha fez uma denúncia em "Brasil Nunca Mais", de que teria sido torturado pelo senhor.

Lucena — É mentira. Eu prendi ele e o irmão dele. Eles são testemunhas de que nunca os torturei. Inclusive Fabiane foi meu professor de português para o vestibular na PF.

(Yodon Guedes)